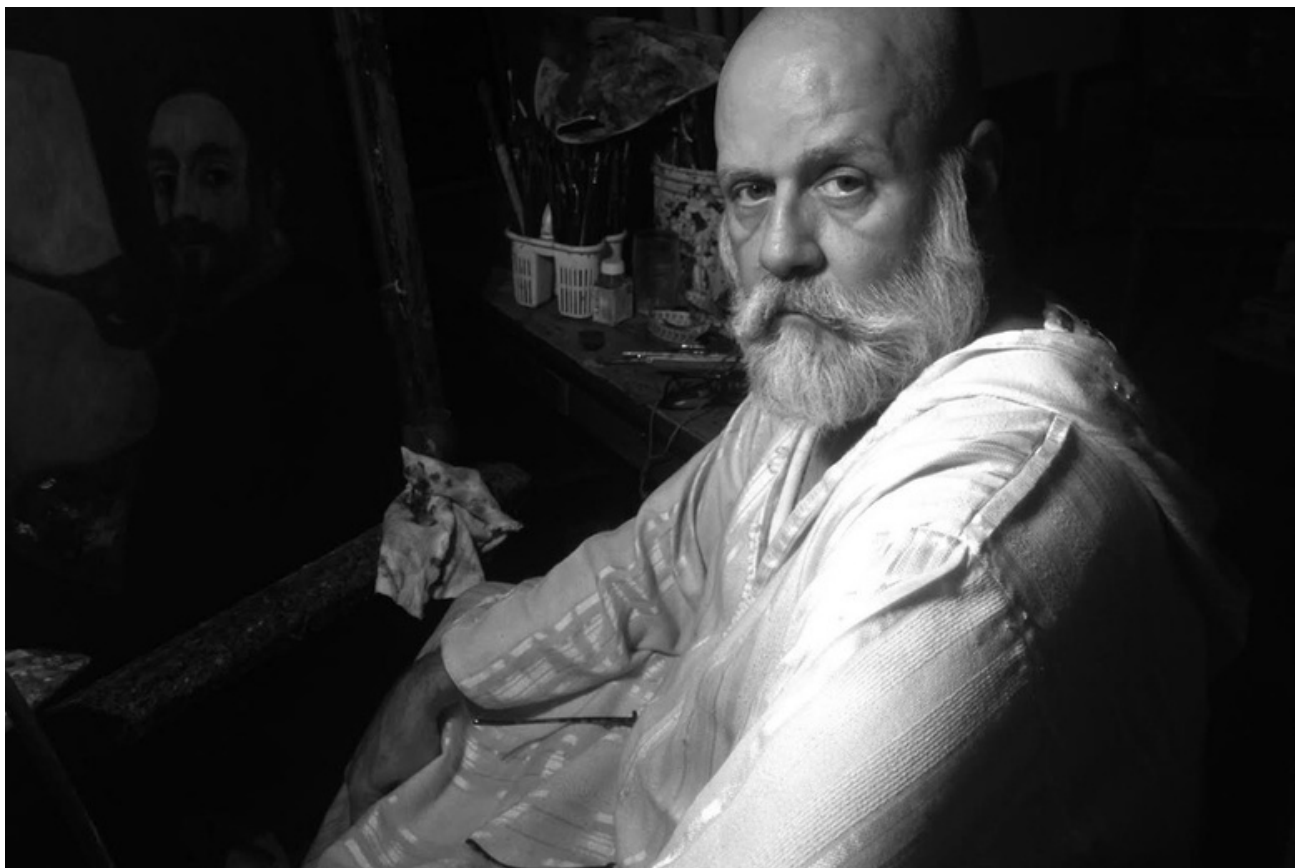


BRIZOLA

LEO BRIZOLA



Leo Brizola (1962, Belo Horizonte) é conhecido pela complexidade e excelência de sua técnica, cujo tema é, em última instância, um rico conteúdo existencial e filosófico. É praticante dos rigores da pintura tradicional e profundo pesquisador dos temas clássicos da mitologia grega e da própria história da arte, em uma versão contemporânea. Sua obra é carregada de releituras e metalinguagens desses arquétipos que são transportados para as questões da contemporaneidade.

Leo cursou artes plásticas em duas das mais renomadas faculdades do Brasil, UFMG e Escola Guignard. Com longa trajetória, alcançou um consistente e maduro acervo. Possui aptidão e proeminência para desenho, bordado, fotografia e pintura, configura-se como um artista versátil, que transita bem entre as técnicas e suportes. Mestre e convicto entusiasta da pintura figurativa, produz composições que conectam a signos passados maneiristas.

O artista já expôs individualmente em espaços como MAM Rio de Janeiro e Fundação Clóvis Salgado, em BH, e possui obras em acervos como MAP - Museu de Arte da Pampulha.

BRIZOLA

LEO BRIZOLA

Exposições individuais (Selecionadas)

- 2020 FAOP - **Fundação de Arte de Ouro Preto**, MG.
- 2019 Galeria Brizola, Belo Horizonte, "Mulheres".
- 2018 - Errol Flynn Galeria de Arte Belo Horizonte, "Pinturas".
- 2014 - Pinturas, Galpão Paraíso, BH.
- 2013 - Pinturas, **Espaço Cultural do STJ**, Brasília.
- 2013 - "Desenhos 1980", **Galeria de Arte da CEMIG, BH.**
- 2013- Pinturas, Galeria Contemplo, BH.
- 2013 - "Pinturas Pequenos Formatos", Galeria Contemplo, BH.
- 2012- "O Gabinete Adamascado", **Centro de Cultura José Maria Barra**, SESI, Uberaba, MG.
- 2012- "Mitos Contemporâneos", **Plug Minas/Governo do Estado de Minas Gerais**, BH.
- 2009 - Pinturas, Galeria Beatriz AbiAckel, BH.
- 2009 - Pinturas, **Espaço Cultural Vallourec & Mannesman do Brasil**, BH.
- 2008- Pinturas, Desenhos, Bordados e Fotografias, Galeria Primeiro Andar, BH.
- 2007 - Desenhos e Bordados à Mão, **Espaço Cultural Furnas**, Rio de Janeiro.
- 2007 - Bordados, **Galeria de Arte do Minas Tênis Clube II**, BH.
- 2007 - Pinturas. **Galeria Principal da Caixa Econômica Federal**, Brasília.
- 2006 - Bordados, **Museu de Arte Moderna Murilo Mendes**, Juiz de Fora.
- 2006 - Pinturas, **Fundação Memorial de Curitiba**, Curitiba.
- 2006 - "Desenhos, Gravuras, Bordados / de 1984 a 2006", **Fundação Clóvis Salgado/Palácio das Artes**, BH.
- 2005 - Pinturas, **Secretaria Municipal de Cultura de Montes Claros**, MG.
- 2005 - Pinturas, BM Arte Contemporânea, BH.
- 2005 - "Grandes Formatos", **Galeria da Escola Guignard**, BH.
- 2005 - "Grandes Formatos / Projeto Intervenção", **MAM Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.**
- 2004 - "A Arte Brasileira no Acervo do MAP", **Instituto Cultural Usiminas**, BH.
- 2002 - **Pinturas, Fundação Clóvis Salgado/ Palácio das Artes**, BH.
- 2002 - Pinturas, **Centro Cultural Bernardo Mascarenhas**, BH.
- 1984 - Pinturas, Quadrum Galeria, BH.

BRIZOLA

LEO BRIZOLA

Exposições coletivas (Selecionadas)

- 2023 - Afetos, **FAOP - Fundação de Arte de OP**, Ouro Preto.
- 2022 - Coleção Tadeu bandeira, **Museu MARTIR**, Tiradentes.
- 2020 - Dupla Identidade, Há Controvérsias, **Museu CineTheatro Vallourec**, BH.
- 2019 - Biblioteca Pública, "Off Louvre", BH.
- 2019 - Mama Cadela, 40 x 40, BH.
- 2019 - Grande Hotel Ronaldo Fraga "Artigo 5", BH.
- 2014 - Galpão Paraíso, Belo Horizonte.
- 2012 - "Espelho Refletido", **Centro Cultural Hélio Oiticica**, Rio de Janeiro.
- 2008 - "Aquarela Internacional São Paulo", **Pinacoteca de São Caetano do Sul**, SP.
- 2007 - **I Bienal Internacional de Grafismo**, Serraria Souza Pinto, BH.
- 2007 - **Latin American Fine Art Exhibition**, "Masters of the Imagination", Agora Gallery, Nova York.
- 2007 - "Pinturas", Centro Cultural da UFMG, BH.
- 2006 - "Muriliana / Murilo Rubião 90 Anos", **Fundação Clóvis Salgado**, BH.
- 2006 - "Cansada Demais para o Amor", Galeria de Arte da Copasa, BH.
- 2000 - "Grande Mostra do Gabinete de Arte", Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte, BH.
- 2000 - "O Brasil Amanhã", **Museu da Arte da Pampulha**, BH.
- 2000 - "Quinta Mostra da Galeria A Arte", Procuradoria Geral do Município de Belo Horizonte.
- 1999 - "Centro Cultural da UFMG 10 Anos", CCUFMG, BH.
- 1999 - "China Mirror - Eu lmito Quem?", **Fundação Clóvis Salgado/Palácio das Artes**, BH.
- 1998 - III Mostra de Artes Plásticas do GAPA MG, BH.
- 1998 "Os Impressionados", Centro Cultural Nansen Araújo, Estado de Minas Gerais, BH.
- 1997 - "Encontro das Américas", Governo do Estado de Minas Gerais, BH.
- 1994 - I Salão MAM-BA de Artes Plásticas, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador.
- 1993 - "Litografias", Núcleo de Litografia da Guignard, BH.
- 1992 - "Prova dos Nove", **Espaço Cultural Galeria de Artes, CEMIG**, BH.
- 1992 - "Ícones da Utopia", **Fundação Clóvis Salgado/Palácio das Artes**, BH.
- 1991 - "Brazilian Art Exhibition", **Institute of Education da Universidade de Londres**, Inglaterra.
- 1991 - "Exposição Macedo Galeria de Arte", Manoel Macedo Galeria de Arte, BH.
- 1991 - "Instalação Porto 91", **Museu de Arte Contemporânea de Vitória**, Vitória.
- 1990 - "Iconografia Profana", Fundação Clóvis Salgado/ Palácio das Artes, BH.
- 1989 - XXI Salão Nacional do Museu de Arte de Belo Horizonte, Museu da Pampulha.
- 1988 - XX Salão Nacional de Arte, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.
- 1987 - VI Salão Nacional de Universidade Federal de Minas Gerais, BH.
- 1987 - XIX Salão Nacional de Arte, Prefeitura de Belo Horizonte.

BRIZOLA

LEO BRIZOLA

TEXTOS CRÍTICOS SELECIONADOS

Leo Brizola

Marco Elizio de Paiva

Prendemo-nos ao exterior das coisas, ignorando que é dentro delas que se esconde tudo quanto nos comove.
Plotino, Enéada V, III.

Albert Aurier, o crítico francês que formulou as teorias simbolistas, publicou há mais de 100 anos um curioso ensaio sobre os novos métodos da crítica no qual defendia que o único meio de compreender realmente uma obra de arte é tornar-se amante dela. Sem dúvida, o entendimento completo depende de demoradas e repetidas avaliações, só possíveis a quem tem prazer amoroso em ver além da mera apreciação superficial. A visão apressada, que se limita apenas à exterioridade material, é mais cegueira que entendimento. Por isso Aurier afirmava sabiamente que, sendo a finalidade normal e última da arte a expressão de idéias, não se compreendem as idéias sem o olhar que a paixão exige ser demorado. Qualquer arte que elabore o pensamento por meio de signos necessita, portanto, um observador dedicado. Conheço a criatividade de Leo Brizola há anos. Tenho me demorado na admiração de sua enorme e trabalhosa produção o suficiente para perceber que, nela, há idéias expressas em formas que pertencem a um mundo de signos especialíssimos; formas ou fenômenos que representam algo distinto de si mesmo e que reclamam um entendimento além das aparências. Aos olhos dos observadores apressados suas complexidades poderão parecer banalidades e esse entendimento será apenas o vislumbre de uma porta entreaberta para um paraíso de prazeres que a inconsciência de uma visão desapaixonada não deixa ver mais longe.

As imagens na obra de Leo Brizola estão organizadas para provocar o êxtase. Tal a tarefa do artista cujo olho soube desvendar o fantástico por trás da porta entreaberta. O amador irá apenas ver, talvez rir de sua própria incompreensão. O apaixonado irá entrar e, mesmo se não dispor de um mapa explicativo do terreno adiante, irá se entregar às interpretações dirigidas por sua própria fantasia, fundindo-se com o objeto visto, recuperando em sua memória coisas que um dia compreendeu e que se repetem aqui em um espaço de sonho.

Marco Elizio de Paiva

Marco Elizio de Paiva é mestre em História da Arte pela University of Texas at Austin. Aposentado como professor adjunto da Escola de Belas Artes da UFMG é, atualmente, coordenador do Curso de Especialização em História da Arte da PUC-Minas. Perito e crítico de arte brasileira, desenvolve trabalhos de pesquisa com um grupo de connoisseurs para desvendar cientificamente falsificações de Guignard, di Cavalcanti, Manuel Santiago, Pancetti, Djanira, Tarsila do Amaral e Alfredo Volpi.

BRIZOLA

LEO BRIZOLA

TEXTOS CRÍTICOS SELECIONADOS



Um Maneirista Hoje

Olívio Tavares de Araújo

Ao escolher a capa para o presente catálogo, acabei dividido entre duas imagens. Uma, a que se encontra, finalmente, lá. A outra, o detalhe que está ao lado. Optei pela primeira por achá-la mais atraente, mais ao gosto do público, que prefere (com razão) a harmonia à estranheza. Não que a imagem da capa, com suas damas de unhas em garra e a peculiar coterie, não seja estranha. Mas a segunda o é ainda mais, e resume um traço constante na obra de Leo Brizola, sempre dividida entre um simulacro do real – ainda que não o real cotidiano – e criaturas de sua pura invenção. Em geral, os dois universos se justapõem no mesmo quadro. Incluo ao lado outro exemplo. É óbvio que essas criaturas são do mal e estão prontas a interferir nocivamente nas nossas existências. Por certo não quereríamos nenhuma delas como companheira de viagem.



Ao mesmo tempo que o introduz, este texto complementa o que se segue, de autoria de Enock Sacramento. Como ele, insisto em que a pintura de Leo é evidentemente uma pintura culta, erudita. A própria arte aparece entre seus temas, por exemplo através das damas de vestidos longos, de costas ou perfil, e dos ambientes com quadros, tapeçarias e cortinas, que remetem a Vermeer de Delft (1632-1675). Ou ainda, da inclusão da Vênus de Willendorf, importante documento artístico da pré-história, na esquerda de um dos trabalhos, meio como se fosse um espectro. Ademais, a pintura de Leo se inscreve numa tendência supratemporal que perpassa os séculos e vem ciclicamente à tona: a fantástica. Não o fantástico poético dos contos de fada ou da pintura galante de Watteau e Fragonard, no século XVIII francês – mas sim a fantasia pessimista e mórbida que se encontra, por exemplo, em Hieronimus Bosch (c. 1450-1516) e na maravilhosa fase negra de Goya (1746-1828). Claro, estilisticamente, nada há em comum entre Leo e estes dois. Além disso, Bosch e Goya podem chegar ao terrível, Leo Brizola, não. Contudo existem nas imagens dele o mesmo desconcerto, a mesma angústia, a mesma visão negativa e ameaçadora da vida. Vem a ser um dos paradoxos, um dos mistérios da arte (já revelado por Aristóteles três séculos e meio antes de Cristo), que esse tipo de abordagem seja capaz de resultar em beleza e propicie prazer, não horror, a quem a vê. Não somos sadomasoquistas e no entanto nos deleitamos com as Crucificações medievais e os filmes de Lars von Trier.

BRIZOLA

LEO BRIZOLA

Outra historicidade mais específica reside no encontro da pintura de Leo com o Maneirismo, ainda que praticamente quinhentos anos os separem; não sei se é consciente, buscado, ou se se trata de uma afinidade inata. Maneirismo (que não tem nada a ver com amaneirado) é aquele curto momento/estilo, surgido na Itália, que medeia entre o Renascimento e o Barroco. O primeiro, sabidamente, pertence ao universo da razão, traduz a redescoberta e retomada dos valores da antiguidade clássica: equilíbrio, medida, harmonia. O segundo pertence ao universo da emoção, da expressividade, e se concretiza numa linguagem sobre-carregada, excessiva, sangrenta, que se colocou e foi eficaz a serviço da Contrarreforma. Entre os dois, antecipando o Barroco, o Maneirismo também foge à razão e reflete o mundo conturbado e instável dos meados do século XVI, após o saque de Roma. Uma de suas características é o capricho – não no sentido de bem feito mas sim no da palavra italiana capriccio: uma inventividade extravagante, como nos Caprichos de (de novo) Goya.

Outra historicidade mais específica reside no encontro da pintura de Leo com o Maneirismo, ainda que praticamente quinhentos anos os separem; não sei se é consciente, buscado, ou se se trata de uma afinidade inata. Maneirismo (que não tem nada a ver com amaneirado) é aquele curto momento/estilo, surgido na Itália, que medeia entre o Renascimento e o Barroco. O primeiro, sabidamente, pertence ao universo da razão, traduz a redescoberta e retomada dos valores da antiguidade clássica: equilíbrio, medida, harmonia. O segundo pertence ao universo da emoção, da expressividade, e se concretiza numa linguagem sobrecarregada, excessiva, sangrenta, que se colocou e foi eficaz a serviço da Contrarreforma. Entre os dois, antecipando o Barroco, o Maneirismo também foge à razão e reflete o mundo conturbado e instável dos meados do século XVI, após o saque de Roma. Uma de suas características é o capricho – não no sentido de bem feito mas sim no da palavra italiana capriccio: uma inventividade extravagante, como nos Caprichos de (de novo) Goya.

A extravagância – uma extravagância elegante, se isso é possível; e uma extravagância a que não falta humor – faz parte essencial da pintura de Leo. Em sua maioria, as distorções das figuras não são apenas dramáticas, são grotescas. Certas composições (por exemplo, as colunas de corpos nus girando pendurados no ar, nos quadros de interiores de ateliers) usam a forma serpentina, tipicamente maneirista e barroca. Ao Maneirismo, o ilustre historiador Arnold Hauser atribui ainda “uma qualidade (...) que se expressa no paradoxo, (...) um certo quê picante, uma predileção pelo sutil, pelo rebuscado, pelo confuso e estimulante, pelo pungente, pelo audacioso e pelo provocante”. Enfim, é maneirista “o sempre exibido virtuosismo”. Cada obra representa “uma peça de bravura, um toque triunfante de prestidigitação”.

Salta aos olhos que tudo isso ocorre no trabalho de Leo Brizola. São realmente instigantes esses encontros que atravessam por cima do tempo e do espaço e demonstram a unidade do espírito humano. E sempre como nos maneiristas, o brilho, a clara busca de impacto e efeitos da pintura de Leo, tampouco é “sintoma de alienação”. O que está por baixo e por trás dela o impede: a necessidade de autoexpressão. Não corre o risco de se tornar mera arte “desalmada, extravertida e superficial” (ainda Hauser). Pelo contrário: é empenhada, engajada,

ao traduzir o “desassossego, ansiedade e perplexidade” de nossos tempos, que se parecem com aqueles. E por certo, também os desassossegos e demônios individuais do próprio artista, um legítimo maneirista hoje.

BRIZOLA

LEO BRIZOLA

TEXTOS CRÍTICOS SELECIONADOS

A aventura pictórica de Leo Brizola

Enock Sacramento

O mito é o nada que é tudo. Fernando Pessoa

Esta exposição de Leo Brizola dá sequência a um projeto poético que indaga a realidade, a fantasia e o mito. Este processo teve início nos anos 80, quando ele estudou arte na Escola Guignard e na Faculdade de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e começou sua carreira de artista plástico. Desde o começo, Leo tem consciência de que a missão do artista, segundo o preceito de Paul Klee, não é reproduzir a realidade, mas produzir uma outra realidade, independente e autônoma.

Essa nova realidade, esse mundo novo em Leo Brizola, tem como fulcro a realidade circundante, a própria arte e, prevalentemente, a mitologia de diferentes culturas. Em sua obra, o artista dá forma, cores e ritmos a diversos mitos, a essas narrativas de caráter simbólico e imagético, geralmente transmitidas pela tradição oral de um povo, que projeta nelas sua visão do mundo e do homem procurando explicar a realidade, fenômenos da natureza, o que não tem explicação ou não é compreendido, por intermédio de personagens sobrenaturais, deuses e heróis. A investigação de Leo é enriquecida por uma reflexão sobre a atualidade desses mitos e por uma pesquisa de formas, cores, ritmos e luzes que apresentam interesse específico no que diz respeito à fatura artística.

Esta exposição reúne pinturas realizadas por Leo Brizola nos últimos anos. Elas marcam o retorno do artista ao óleo sobre tela, técnica que o atraiu no início de sua carreira e que foi substituída, em meados dos anos 80, pela tinta acrílica sobre tela. Com este material, realizou pinturas de diversos formatos, com destaque para obras de grandes dimensões, constituídas por telas múltiplas, apresentadas, em 2005, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e, dois anos depois, na Caixa Cultural Brasília. Uma ou outra tela remanescente dessa fase em que utilizou a tinta acrílica faz parte desta exposição. O conjunto aqui exposto é formado, em sua grande maioria, por pinturas a óleo, de pequeno formato. O que teria levado Leo Brizola a retomar esta técnica e a privilegiar o petit format? A primeira resposta vem do próprio artista, que confessa: “Senti uma nostalgia pelo cheiro da tinta a óleo e voltei a utilizá-la”.

BRIZOLA

LEO BRIZOLA

Essa tinta é uma mistura de pigmentos em suspensão num óleo, geralmente o de linhaça. Para diminuir sua viscosidade, usa-se um solvente tal como a terebintina, de odor característico. Essa tinta tem sido usada desde o século XIII em pinturas artísticas. Vi, esta semana, muitas delas no Palazzo Madama, um notável museu de arte antiga, em Turim, acompanhado de seu diretor Guido Curto, com quem dividi uma curadoria de exposição ano passado. As obras renascentistas, maneiristas e barrocas, criadas há séculos, estão todas bem conservadas. A secagem lenta permitiu aos artistas que as criaram uma mistura impressionantemente bela e a obtenção de tonalidades divinas. A durabilidade e a qualidade dos resultados costumam colocar ainda hoje os óleos sobre tela em posição privilegiada junto aos colecionadores e museus. Nada, todavia, contra a tinta acrílica, utilizada desde a década de 1940 e que testes científicos garantem serem resistentes por bom tempo, ao lado da vantagem da secagem rápida, da ampla matriz cromática e de não conter metais pesados.

A opção pelo pequeno formato foi certamente, também, resultado de um ato de vontade do artista. Todavia, esta opção nos instiga a pensar sobre o tema. Tradicionalmente, a pintura ocidental seguiu certas regras para definir o formato de uma tela. Fabricantes franceses adotavam – e ainda o fazem – formatos determinados, proporcionais, conhecidos pelas letras M, P e F correspondentes a marine, paysage e figure, sendo reservados para as marinhas os formatos alongados, baseados no número de ouro ($\approx 1,61$), para as paisagens, o retangular (estabelecido pelo princípio do “porte d’harmonie), e para os retratos, o formato vertical, correspondente ao dobro do retângulo de ouro. Entre profissionais, cada tela era nomeada, resumidamente, pelo tema e pelas dimensões. Assim uma tela de 35 x 27 cm, destinada à pintura de um retrato, era conhecida como 5F. Com o advento da pintura abstrata, estes critérios perderam o sentido. Atualmente existem as telas retangulares, quadradas, circulares, ovais, de formatos irregulares, retos ou curvos. Mas voltemos aos formatos utilizados por Leo Brizola nas pinturas incluídas nesta exposição. Com exceção pouquíssimas obras de formatos maiores, todas as demais são de pequenos formatos, incluindo-se entre estes as telas de 50 x 40 cm / 40 x 50 cm. É bem estabelecido de que a primeira medida se refere à altura, mas como comumente vê-se grafadas as dimensões, entre nós, de maneira contrária em catálogos e até em livros, fazemos aqui este registro. Muitas foram pintadas nos formatos 20 x 30 cm, 30 x 40 cm, na horizontal ou vertical, 20 x 20 cm, 25 x 25 cm, 30 x 30 cm, 40 x 40 cm.

A pintura de Leo Brizola nos desloca no tempo e no espaço, nos tira do trivial cotidiano. Ela nos remete a personagens mitológicas, a sentimentos humanos profundos, a situações relacionais diversas, a diferentes estados de alma. Ela nos fala de Diana, a rainha caçadora, e de Acteon; de Netuno, o deus romano do mar; de Polifemo, o ciclope que vivia solitário numa caverna próxima à Sicília cuidando de ovelhas e curtindo uma paixão; de Baco, o deus do vinho, da embriaguez, dos excessos, sobretudo na esfera sexual, o Baco que nunca esteve em tamanha evidência como neste ano em que é projetado de forma monumental e em detalhes na mostra virtual “Caravaggio Experience”, na Alvenaria Reale de Turim; de Vênus, a deusa romana da beleza e do amor, equivalente à deusa grega Afrodite, em versões diversas: “Venus in Furs” (Vênus em peles), referindo-se talvez à personagem da novela do austríaco Leopold von Sacher-Masoch e/ou à música interpretada pela banda norte-americana The Velvet Underground, assim como uma Vênus conselheira, tudo, dentro de uma visão impregnada do erotismo que emana conjuntamente do olhar, da boca e dos seios.

BRIZOLA

LEO BRIZOLA

O erotismo, aliás, perpassa grande parte da obra de Leo Brizola. Nela a exaltação do sexo é feito sobretudo a partir da figura feminina, de forma delicada, nunca vulgar; nela o sensual está implícito, nunca explícito; é sobretudo “cosa mentale”, embora o artista entenda que a leitura do teor de situações desta natureza depende de contextos históricos específicos. O erotismo também está presente em numerosas outras pinturas incluídas nesta exposição tais como “Toilette”; “Oferta”; “Dânae” (referenciada na princesa filha de Acrísio, rei de Argos, que, segundo o oráculo, seria assassinado pelo seu neto, filho de Dânae – que foi aprisionada pelo pai, mas engravidada por Zeus, gerando Perseu); e outras. Leo Brizola desenvolve ainda séries temáticas de pinturas. Uma delas questiona o próprio ofício da pintura mediante recriação de imagens do pintor em seu ateliê, do artista na paisagem pintando um ambiente interior ou de costas para seu aparente motivo, o que revela uma certa desconexão com a realidade, do artista levando suas obras, numa pequena carroça, para destino urbano ou desconhecido, o que sugere a importância atribuída ao consumo da obra de arte. Outra série é a das cartas, das notícias, que enfatiza a importância das comunicações na vida humana. Na pintura de Brizola, elas chegam por intermédio de cartas, já que em sua poética a tecnologia passa ao largo, ignorando e-mails e mensagens de WhatsApp. E geralmente quem as recebe são as mulheres, mais sensíveis às transformações que as notícias podem acarretar na vida das pessoas. Esta série é próxima de uma outra, que diz respeito aos segredos, às informações que não podem ser divulgadas por motivos estratégicos e que acompanham homens e sobretudo mulheres, como sugere a obra de Leo, desde os tempos primordiais. Na pintura brizoliana as mulheres parecem ser depositárias fiéis de segredos, embora Shakespeare, na primeira parte de seu Henrique VI, afirme que “segredos e mulheres não andam juntos”. Outros temas que atraem o artista são as banhistas, as ofertas e os Vampiros, entidades fantásticas masculinas que saem das sepulturas durante a noite para sugar o sangue de pessoas vivas, transformando-as em outros vampiros.

Leo Brizola, além de pintor de qualidade, é também desenhista no sentido tradicional de trabalhar com o grafite e/ou nanquim sobre papel e também no sentido expandido de compor seu desenho com linha sobre tecido, com o bordado. Qualquer que seja o seu meio de expressão, o interesse maior de Leo é o homem, medida de todas as coisas. E embora lance mão de recursos modernos, contemporâneos, na fatura de sua obra, a postura de Brizola como artista não tem compromisso fechado com o moderno. Como Carlos Drummond de Andrade em determinado momento de sua vida, Leo Brizola está mais preocupado é em ser eterno.

Enock Sacramento

Membro da APCA, da ABCA e da AICA.